

A GLOBALIZAÇÃO: SEUS DESAFIOS E SUAS OPORTUNIDADES PARA A VIDA E O TESTEMUNHO CRISTÃO

*Fernando Teixeira Arantes**

RESUMO

O desafio que o pastor enfrenta nos dias de hoje na condução do rebanho a ele confiado por Deus exige que o ministro conheça bem as Escrituras, viva piedosamente, tenha convicção do chamado pastoral, bem como desenvolva uma boa teologia do ministério. Todavia, faz-se também necessário que o pastor entenda o melhor possível os valores, as influências e as circunstâncias do mundo em que vivem os discípulos de Cristo. Neste artigo, acerca do testemunho cristão, o autor aborda os desafios e as oportunidades que a globalização apresenta ao pastor e aos crentes em geral. Ele inicia definindo o termo “globalização” e apresenta uma perspectiva histórica desse processo. Segue tratando do que deve ser o testemunho cristão de maneira contextualizada num mundo cada dia mais globalizado, afirmando a centralidade e a relevância de Jesus Cristo e sua mensagem para o homem de hoje. O autor conclui encorajando os discípulos de Cristo a se engajarem com seriedade e fé na tarefa a eles confiada pelo Senhor Jesus de serem suas testemunhas.

PALAVRAS-CHAVE

Globalização; Testemunho; Ministério pastoral; Pluralismo; Pós-modernidade; Jesus Cristo.

INTRODUÇÃO

Do Senhor é a terra e tudo o que nela existe, o mundo e os que nele vivem (Sl 24.1).

* O autor é ministro da Igreja Presbiteriana do Brasil e pastoreia a Igreja Presbiteriana Jardim Guanabara em Campinas, São Paulo. Faz o curso de Doutorado em Ministério no Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper.

Enfim, poder-se-ia dizer que o sonho dos estóicos de um estado unitário, onde cada homem é cidadão do mundo, estava prestes a se realizar.¹

O desafio que o pastor enfrenta hoje à frente do rebanho que o Senhor lhe confia exige dele não apenas que conheça bem as Sagradas Escrituras, viva piedosamente e tenha convicção do seu chamado pastoral, por fundamentais que sejam essas características. É necessário entender, o melhor possível, o mundo no qual ambos, a ovelha e o pastor, como discípulos de Jesus Cristo, estão inseridos.

Diante disso perguntamos: Quais são os valores e os ideais que influenciam a vida humana em nossos dias? Como o cristão pode entender e contrastar tais valores com a orientação bíblica a fim de discernir a vontade de Deus para o viver? O que significa viver num mundo “globalizado”? O que Jesus Cristo diz ao homem “globalizado”?

Estas não são perguntas fáceis de responder, conquanto sejam muito pertinentes de se fazer. Vivemos num mundo grande e pequeno ao mesmo tempo. As distâncias geográficas permanecem as mesmas de outrora, mas hoje as percorremos dezenas ou centenas de vezes mais rapidamente. Um exemplo claro da vida no mundo globalizado é a velocidade com que podemos nos comunicar e, conseqüentemente, nos envolver e relacionar. Ela demonstra claramente que há uma integração, inimaginável outrora, entre as mais distantes e diferentes pessoas do nosso mundo. A esse fenômeno, que envolve todos os aspectos da vida humana, chamamos “globalização”.

Globalização é uma palavra nova, cunhada por Roland Robertson,² que denota uma antiga realidade. Em sua melhor perspectiva, o conceito que hoje denominamos globalização encontra-se presente no ato criativo de Deus e na ordem dada a Adão e Eva, criados à imagem e semelhança do Criador, de sujeitar e dominar a terra (Gn 1.28). A isto chamamos, teologicamente, o “mandato cultural”. Atravessando toda a Bíblia, tendo como eixo principal a realidade do “pacto” ou “aliança” estabelecida por Deus com as suas criaturas, mormente com o povo que ele escolheu, o projeto divino de manifestar a sua graça soberana é final, conforme fica claro em Apocalipse, é global e, de modo ainda mais abrangente, é universal.

Após a desobediência a Deus no jardim do Éden, a humanidade passa a ter outros pensamentos acerca da maneira pela qual deveria orientar os seus

¹ MIEN, Aleksandr. *Jesus, mestre de Nazaré*. Vargem Grande Paulista: Cidade Nova, 2000, p. 39. O autor discorre sobre a abrangência e o domínio do Império Romano nos seus melhores dias.

² Malcolm Waters, em *Globalization* (New York: Routledge, 1998, p. 3), traça a história do termo, informando que a palavra “global” tem 400 anos conforme o Dicionário Inglês Oxford. Contudo, termos como “globalização”, “globalizar” e “globalizante” não foram usados antes dos anos 1960. Foi por meio do professor de sociologia Roland Robertson, em 1992, que “globalização” tornou-se um termo reconhecido nos meios acadêmicos, mas seu uso já podia ser percebido desde meados dos anos 1980.

caminhos e se distancia progressivamente dos objetivos traçados pelo Criador. O intento da construção da torre que tornaria célebre por toda parte os seus idealizadores, em confrontação direta com a orientação divina, é uma demonstração evidente de que, mesmo após o Dilúvio, o coração humano se mantinha em estado de confrontação e rebeldia para com o Criador (Gênesis 11). A humanidade conhece, a partir daí, uma nova etapa em que é dispersa, por famílias, pela face da terra. Não obstante, Deus escolhe uma das famílias dispersas e lhe faz promessas que transbordariam para todas as outras famílias no seu devido tempo (Gênesis 12). O “globo” é obra de Deus!

1. PERSPECTIVA HISTÓRICA DA GLOBALIZAÇÃO

Vejamos aqui uma breve revisão histórica da “globalização” na história humana. Os egípcios, cerca de 925 a.C., sob o reinado do faraó Sisaque, invadiram os reinos de Judá e Israel, mas não conseguiram consolidar nem levar mais adiante os seus planos de expansão. Os egípcios eram bem mais defensivos que expansionistas, muito embora tenham construído um grande império em sua própria terra.

É provável que os antigos assírios, cujo império é datado de 850–626 a.C.,³ tenham sido os primeiros a imaginar um mundo onde eles fossem os mais poderosos e únicos soberanos sobre todos os povos, estendendo seu domínio sobre a face da terra. Eles eram claramente expansionistas: “Em sua extensão máxima o império ia do Egito ao Golfo Pérsico”.⁴ O profeta Sofonias denunciou a altivez de Nínive, capital da Assíria, antes da sua destruição no ano 612 a.C. dizendo: “Esta é a cidade alegre e confiante, que dizia consigo mesma: Eu sou a única e não há outra além de mim” (Sf 2.15).

Os babilônicos, também conhecidos por caldeus no relato bíblico e por neobabilônicos na história moderna, aos poucos foram conquistando terreno e, finalmente, em 612 a.C. tomaram a cidade de Nínive, pondo fim ao portentoso Império Assírio. O Império Babilônico (612–538 a.C.) também foi expansionista. Queria impor aos outros povos a sua presença e a sua força, cobrando pesados impostos das nações por ele subjugadas. Eles também se vangloriavam na ilusão de que eram os soberanos da história. No entanto, o profeta Isaías, cerca de 100 anos antes da ascensão desse império, proclamou a palavra de Deus sobre eles, dizendo algo bem diferente do que supunham:

Ouve isto, pois, tu que és dada a prazeres, que habitas segura, que dizes contigo mesma: Eu só, e além de mim não há outra; não ficarei viúva, nem conhecerei a perda de filhos. Mas ambas estas coisas virão sobre ti num momento, no mesmo dia, perda de filhos e viuvez; virão em cheio sobre ti, apesar da multidão das tuas feitiçarias e da abundância dos teus muitos encantamentos (Is 47.8,9).

³ *Atlas Vida Nova da Bíblia e da História do Cristianismo*. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 43.

⁴ *Ibid.*, p. 43.

Os persas (538–331 a.C.), por sua vez, subjugarão os babilônios e, apesar de eles próprios serem também expansionistas e terem o desejo de governar o mundo até onde pudessem, foram mais “generosos”, por certo mais pragmáticos, na sua maneira de administrar os povos subjogados. Foi durante o período do Império Persa, também chamado Medo-Persa, que foi permitido aos judeus voltar para a sua terra, a partir do ano 539 a.C., pelo decreto do imperador Ciro.

O Império Grego, datado de 331–64 a.C., foi globalizante por excelência. A sofisticação intelectual e o poderio tecnológico e bélico com a intenção de helenizar o mundo fizeram dos gregos, uma vez resolvidas as suas próprias querelas, os maiores de todos os conquistadores até então. É a partir deles que o conceito de *cidade* (*polis* em grego e *civitas* em latim), tendo em Atenas o seu paradigma mor, ganha nova dimensão e significado. Tempos mais tarde, serviria para definir uma sociedade como “civilizada” ou não. Ao maior de todos os seus conquistadores, Alexandre, o Grande, é atribuída a fundação de 70 novas cidades, boa parte das quais levavam o seu nome. Uma delas, no Egito, ainda hoje é chamada Alexandria.⁵

Como havia acontecido anteriormente, o sonho conquistador e globalizante, que é o motor expansionista dos impérios, é também o germe da sua maior corrupção e a sua maior fraqueza. O que é o bastante? Alexandre, e personificado nele o Império Grego, não tinha qualquer medida de satisfação. Assim é o coração do homem que não encontra no Criador a medida da sua própria existência. Após a morte do grande conquistador, que segundo os anais da história foi vitimado pelo excesso de bebida em um banquete,⁶ o esplendoroso Império Grego, dividido, seguiu, inexorável, o seu caminho de desconstrução e declínio.

Entrou em cena o mais extenso de todos os impérios jamais conhecidos, o Império Romano.⁷ A data histórica do seu início é 27 a.C., quando Otávio recebeu o título de “Augusto” (o venerado) e foi o primeiro dos governantes romanos a usar o título de “Imperador” (*Imperator*). Estava encerrada a fase da república e, embora o senado tenha continuado a existir, o governo se concentraria, cada vez mais, em uma só pessoa. O fim do Império Romano é datado de 476 d.C. quando as tribos germânicas, comandadas por Odoacro, conquistaram a cidade de Roma.⁸ O direito romano, fundamentalmente docu-

⁵ PAGDEN, Anthony. *Povos e impérios* – uma história de migrações e conquistas, da Grécia até a atualidade. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002, p. 20.

⁶ Ibid., p. 39.

⁷ “Em seu apogeu no século II d.C., o Império Romano cobria a área que abrangia das montanhas Atlas até a Escócia, e do vale do rio Indo até o oceano Atlântico, um território com cerca de 13 milhões de quilômetros quadrados, com população estimada em 55 milhões. Segundo consta o processo expansionista só foi detido quando os romanos acreditaram haver alcançado os limites do que os gregos chamavam *oikoumene*, ‘mundo habitável’”. Ibid., p. 67.

⁸ “Em agosto de 410 a cidade de Roma foi saqueada durante três dias pelos exércitos de Alarico, líder visigodo”. Ibid., p. 70.

mentado no Código de Justiniano, forneceu a base teórica pela qual o Império Romano se julgava o promotor da paz e da justiça mundial, a “*Pax Romana*”, e estava disposto a realizar essa tarefa com grande satisfação.⁹ Nesse ponto, Anthony Pagden nos auxilia dizendo:

Quando Augusto assumiu o poder, “mundo” – *orbis terrarum* – e império tinham o mesmo significado. “Não devemos olhar para um extremo nem para outro”, escreveu Sêneca no século I, “mas medir as fronteiras da nossa nação pelo sol”. Assim, quando, um século mais tarde, o imperador romano Antônio Pio adotou o título “Senhor do Mundo Inteiro” – *dominus totius orbis* – estava apenas atestando o que todos os imperadores romanos sempre souberam.¹⁰

O Império Romano tornou-se grande e heterogêneo demais para se sustentar como tal. A decisão de dividi-lo, tomada pelo imperador Diocleciano e consolidada pelo imperador Constantino, na tentativa de preservá-lo, evidenciou o que já era realidade.

A homogeneização, ingrediente fundamental para sustento dos ideais globais de qualquer povo, não é uma realidade tangível entre os seres humanos, pois somos heterogêneos, por natureza, em vários aspectos. A diversidade humana, traço que denota a criatividade de Deus, torna providencialmente impossível a homogeneização. O que é “*global*” encontra no que é “*local*” um poder equivalente.

A parte ocidental do Império Romano, tendo Roma como a capital e se estendendo por boa parte da Europa, trilhou o seu próprio caminho. Exerceu poderosa influência, sobretudo com a fé cristã, que havia se tornado a religião oficial desse império. Os povos que invadiram e conquistaram o grande império foram por sua vez evangelizados ou cristianizados.

A parte oriental, também denominada Império Bizantino, tendo por capital a cidade de Constantinopla, estendia-se para a Índia e outras partes do Oriente. A identidade helênica dominou essa porção. A língua grega suplantou o latim e assim a história seguiu até 1453 quando, após longo cerco, Constantinopla rendeu-se aos exércitos do sultão Mehmet II, “o Conquistador”. Desde então a cidade passou a se chamar Istambul e tornou-se a capital de outro grande império: o Império Turco.

Ao fim do século 15 e início do século 16, identificamos cinco “Economias-Mundo”.¹¹ Esse período é importante, pois se tornaria o ponto divisor da história humana no que tange ao conhecimento e integração de lugares e

⁹ “Já em 75 a.C., moedas foram cunhadas com as imagens de um cetro, um globo, uma coroa e um remo, símbolos do poderio romano sobre terras e mares de todo o mundo”. *Ibid.*, p. 63.

¹⁰ *Ibid.*, p. 63.

¹¹ Expressão cunhada por Fernand Braudel, como escreve Octavio Ianni in *Teorias da globalização*, p. 29-32.

culturas distantes, bem como distintas. É o período marcado pelo início das viagens globais. Até então, como diz Schilling,

os continentes encontravam-se separados por intransponíveis extensões acidentadas de terras e de águas... que faziam com que a maioria dos povos e das culturas soubessem da existência uma das outras apenas por meio de lendas... ou imprecisos e imaginários relatos de viajantes... Cada povo vivia isolado dos demais, cada cultura era auto-suficiente. Nascia, vivia e morria no mesmo lugar, sem tomar conhecimento da existência dos outros.¹²

A primeira “economia-mundo” daquele período era formada pela Europa. Foi de lá que partiram os “descobridores”, financiados pelos empresários de Gênova, Veneza, Milão e Florença e respaldados por alguns monarcas europeus.

A segunda “economia-mundo” era formada pela China e regiões vizinhas. A “rota da seda” já era uma realidade há muito tempo, bem como o pujante comércio das cidades marítimas de Cantão e Xangai, mas ainda assim não constituíram um fator de significativa integração internacional global.

A terceira “economia-mundo” era formada pela Índia. Essa foi a mais expressiva das economias daquele período, tendo seus produtos comercializados principalmente no Oriente. Foi justamente a notícia das especiarias e dos tecidos finos ali produzidos que atraiu a atenção de desbravadores como Vasco da Gama.

A quarta “economia-mundo” era formada pelo Continente Africano. O norte da África, de predominância árabe, mantinha algum comércio com alguns portos europeus, mas a chamada África Negra, ao sul do Saara, vivia em completo isolamento.

A quinta “economia-mundo” estava nas Américas. Era formada por tribos indígenas distintas e pelas chamadas “civilizações pré-colombianas” – asteca no México, maia no Iucatã e inca no Peru. Viviam em isolamento.

A partir do século 15, Schilling propõe a seguinte divisão de períodos da globalização:

A primeira fase (1450-1850) foi marcada pela expansão mercantilista da economia-mundo européia; a segunda fase (1850-1950) foi caracterizada pelo expansionismo industrial, imperialista e colonialista; a terceira e última fase, a globalização recente (1950, 1989-), pós-segunda guerra mundial e marcada pelo fim do bloco soviético e a queda do muro de Berlim, caracteriza-se pelo seu alto teor tecnológico.¹³

¹² SCHILLING, Voltaire. *Globalização, ontem e hoje*, p. 1. Disponível em: <http://educaterra.terra.com.br/voltaire/atualidade/globalizacao.htm>. Acesso em 29 abr. 2004.

¹³ *Ibid.*, p. 3-8.

Situados historicamente, passemos adiante explorando a necessidade e a possibilidade que os discípulos de Jesus Cristo têm de oferecer o seu testemunho de forma contextualizada e relevante onde vivem, tendo ao mesmo tempo o discernimento da realidade bem como das influências da globalização.

2. O TESTEMUNHO CRISTÃO NO MUNDO GLOBALIZADO

Perguntamos: No que consiste o testemunho cristão no tempo em que vivemos? Para responder essa pergunta, temos grande ajuda em Paul Hiebert.¹⁴ Em seu ensaio *Globalization as Evangelism* (Globalização como evangelismo), após descrever e analisar criticamente a ação evangelizadora cristã nas eras moderna e pós-moderna, Hiebert, em diálogo com outros pensadores como Richard Halverson, Samuel Escobar, Jürgen Moltmann, David Bosch, Stanley Hauervas, William Willimon e Lesslie Newbigin, afirma:

Num mundo “global” o objetivismo cognitivo da modernidade e o subjetivismo experimental da pós-modernidade são, ambos, desafiados. O conhecimento é visto como objetivo e subjetivo. Ele conecta o mundo externo e a nossa percepção dele. Contudo, só o conhecimento não é a solução para a nossa condição humana. Tampouco apenas experiências interiores. Precisamos de vidas e estruturas sócio-culturais transformadas.¹⁵

A conclusão de Hiebert é bem fundamentada histórica e conceitualmente e contribui com relevância para aqueles que desejam testemunhar o evangelho do Senhor Jesus em nossos dias. Temos visto que o evangelho de Cristo é poderoso para transformar pessoas e estruturas em todas as épocas, a fim de cumprir o seu propósito eterno. Assim, firmados no evangelho, os discípulos do Senhor Jesus estão preparados para as transformações que se fizerem necessárias, a fim de comunicarem a verdade eterna no presente momento.

Hiebert segue adiante, oferecendo o seu escrutínio acerca de temas emergentes relacionados ao evangelismo no mundo global. Sua perspectiva, ele mesmo esclarece, é mormente a do mundo ocidental. Assim ele os alista:

1. Foco no evangelismo, sobretudo como obra de Deus (*missio Dei*). Deus é quem está operando para a salvação dos seres humanos. “Não é a Igreja que tem uma missão de salvação a cumprir no mundo; é a missão do Filho e do Espírito através do Pai que inclui a Igreja”, escreve Moltmann. Isto nos remete prioritariamente à oração e à orientação do Espírito Santo. 2. O centro da mensagem é a vinda do Reino de Deus. “Evangelismo é anunciar que Deus, Criador e Senhor do universo, intervém pessoalmente na história humana e

¹⁴ HIEBERT, Paul G. Globalization as evangelism. In: EVANS, A. F.; EVANS, R. A.; ROOZEN, D. A. (Eds.). *The globalization of theological education*. Maryknoll, NY: Orbis, 1993, p. 64-77.

¹⁵ *Ibid.*, p. 73.

o fez de maneira suprema na pessoa e ministério de Jesus de Nazaré que é o Senhor da história, Salvador e Libertador (...)”. Justiça, pecado e salvação são definidos pelos valores Reino de Deus. O cerne do evangelismo é promover a glória de Deus. Convidamos pessoas a submeterem as suas vidas inteiramente a Cristo. 3. É preciso rejeitar o individualismo extremo do passado que definia a salvação apenas a termo pessoal. Ela também envolve um compromisso com a comunidade da fé. Esta comunidade, tanto quanto a pessoa, são testemunhas do Rei e do Reino eterno de Deus aqui neste mundo passageiro. 4. É necessário contextualizar a mensagem e os métodos de evangelismo para que as pessoas possam ouvir o evangelho de maneira que o entendam. É preciso ir além, é necessário chegar à *inculturação* quando o evangelho produz transformações pessoais e sociais. 5. É preciso que a comunidade cristã, tanto local quanto global, partindo de uma reflexão cristológica, atentando para o mistério revelado na encarnação, envolva-se completamente na comunicação da Palavra de Deus aos homens no poder do Espírito Santo. 6. É necessário evitar a arrogância e a manipulação humana na evangelização. Deus é quem salva. Nós somos apenas testemunhas dele. É necessário confiar de maneira absoluta na poderosa graça divina e testemunhar a mensagem da salvação de maneira respeitosa, evitando impor aspectos culturais e apontando sempre para Jesus Cristo.¹⁶

Dentro da perspectiva apresentada por Hiebert, nós certamente encontramos elementos que substanciam uma resposta à pergunta feita no início deste tópico. Contudo, uma consideração a mais deve ser feita na área da epistemologia. A fim de sermos fiéis a Deus e relevantes em nosso testemunho do evangelho da salvação por meio de Cristo, é preciso que ouçamos e dialoguemos respeitosamente com as idéias do mundo no qual vivemos, antes de oferecermos uma resposta sem saber qual é a pergunta, antes de mostrarmos o Caminho sem saber onde está o viajante.

Vem ao nosso encontro trazendo bom auxílio o “realismo crítico”.¹⁷ Nessa perspectiva epistemológica, reconhecemos o valor fundamental da revelação de Deus por meio de atos e palavras, conforme registrada nas Escrituras do Antigo e do Novo Testamento, que precisa ser conhecida e interpretada hoje no contexto da comunidade da fé cristã. Essa atitude nos protegerá do erro do chamado “positivismo teísta” do período moderno, que repousava inteiramente na razão humana como *o* escrutínio da verdade, bem como do “subjetivismo individualista” do pós-modernismo, que destrói qualquer conexão lógica e objetiva entre *símbolo* e *significado*. Portanto, o testemunho cristão em nossos dias exige que conheçamos bem as Escrituras, tanto quanto a história da humanidade, e que estejamos em constante “diálogo-anúncio” do evangelho da salvação por meio de Jesus Cristo com o nosso próximo.

¹⁶ Ibid., p. 73–77. Minha tradução.

¹⁷ Tese apresentada em sala de aula pelo Dr. Samuel Larsen no curso “Ministério Pastoral num Mundo Globalizado”, oferecido no CPAJ em março de 2004. Esse curso faz parte da grade do programa de Doutorado em Ministério (D. Min.).

Segue então a proposta de entender o que Jesus Cristo tem a dizer ao homem globalizado. Defendo que esse é o ponto central para que o discípulo e a comunidade de Cristo ofereçam o testemunho relevante e contextualizado que lhe é ordenado pelo seu Senhor.¹⁸

3. O QUE DIZ JESUS CRISTO AO HOMEM GLOBALIZADO

No interrogatório ao qual Pilatos submeteu o Senhor Jesus Cristo, quando este lhe foi encaminhado pelos anciãos do povo judeu a fim de ser condenado à morte, a certa altura lemos:

Então lhe disse Pilatos: Logo, tu és rei? Respondeu Jesus: Tu dizes que sou rei. Eu para isso nasci e para isso vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade. Todo aquele que é da verdade ouve a minha voz. Perguntou-lhe Pilatos: Que é a verdade? (Jo 19.37,38).

A pergunta do representante do imperador romano, Pilatos, homem certamente capacitado intelectualmente, demonstra a perplexidade e a confusão não só da sua cabeça, mas de todo o mundo daqueles dias, bem como dos nossos dias atuais, acerca da “verdade”. De certa forma, a humanidade inteira está perguntando a Jesus, pelos lábios de Pilatos: “Que é a verdade?” O Mestre de Nazaré já havia antecipado aos seus discípulos a resposta quando lhes disse: “Eu sou o caminho e a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim” (Jo 14.6)

A natureza do homem globalizado é a mesma de tempos passados. Está contaminada pelo pecado. Encontra-se naturalmente impedido de, por si mesmo, conhecer a verdade última, Deus. O homem natural, então, constrói a sua verdade, a sua religião, o seu deus ou seus deuses. É a esse homem que, ainda hoje, Jesus dirige a sua palavra salvadora.

As influências que incidem sobre a natureza decaída e distanciada de Deus do homem natural num mundo globalizado têm novos nomes e formas, mas são constituídas das mesmas características que as formaram no passado distante. Vejamos algo da principal delas: o “pluralismo”.

O homem globalizado é, em geral, pluralista. Ele tenta harmonizar propostas divergentes, considerando-as igualmente válidas. A ferramenta básica dessa linha é o “*inclusivismo*”. A religiosidade geral dos nossos dias deixou para trás os ideais dos sincretistas, que pensavam em unir todas as religiões do mundo em uma só irmandade de fé. Afinal, diziam e ainda dizem os sincretistas remanescentes: “Todos os caminhos levam a Deus; caminhemos, então,

¹⁸ A abrangência do artigo poderia ser estendida a vários temas teológicos de grande importância, tais como Criação, Queda, Redenção e Comunhão Cristã, mas fica aqui limitada a fim de seguir o objetivo e a metodologia propostos.

irmãdos, juntos”. O pluralista fala um pouco diferente: “Todos os caminhos levam a Deus; caminhemos, mas separados”; cada um com a “sua verdade”.

A própria Igreja Católica Romana no Concílio Vaticano II declara que: “...a obra salvadora de Cristo é válida não apenas para os cristãos, mas para todos os homens de boa vontade em cujos corações a graça atua de maneira invisível”.¹⁹ Assim, mesmo afirmando que a salvação eterna é por meio de Cristo, pode-se deixar que cada pessoa escolha o seu caminho próprio e a sua crença, pois no final as pessoas de “boa vontade”, seja lá o que isso significar, serão salvas.

Heber Campos alista e descreve sucintamente as diversas formas de pluralismo que encontramos em nossos dias, na chamada “Era Pós-moderna”. São elas:

- a) o “Pluralismo Intelectual”, caracterizado pela desconstrução de critérios objetivos de estabelecimento da verdade relegando tudo ao subjetivismo do intérprete-pensador;
- b) o “Pluralismo Religioso”, caracterizado pela tolerância absoluta às outras propostas religiosas e nenhuma reivindicação de exclusividade ou singularidade salvífica;
- c) o “Pluralismo Teológico”, caracterizado pela sua soteriologia universalista e sua cristologia vazia;
- e d) o “Pluralismo Ético-Moral”, caracterizado pela rejeição de valores pré-estabelecidos que definam o certo e o errado, deixando tudo à análise e à conveniência contextual e cultural de onde vive a pessoa.²⁰

Constatada essa realidade, perguntamos em coro com John Stott: “O que é que há no pluralismo para atrair tanta gente?” Ele mesmo oferece a resposta analisando os argumentos dos defensores do pluralismo e afirma que vivemos hoje uma

nova conscientização global. Ameaças ao meio ambiente, temores de um conflito nuclear e a contínua situação de injustiça econômica entre o Norte e o Sul vêm incentivando as pessoas a desenvolverem uma perspectiva planetária. A própria sobrevivência da raça humana parece depender de nós aprendermos a viver juntos em harmonia e a cooperar para o bem-comum. O que quer que seja que nos divida, portanto, inclusive nossas religiões, é compreensivelmente visto com crescente desaprovação.²¹

Stott aponta ainda outros fatores como:

... o novo gosto pelas outras religiões, que são divulgadas farta e abertamente pela mídia global... a nova modéstia pós-colonial que é o contraponto, desde o

¹⁹ Apud STOTT, John. *Ouçã o Espírito, ouçã o mundo* – como ser um cristão contemporâneo. São Paulo: ABU, 1997, p. 332.

²⁰ CAMPOS, Heber Carlos de. O pluralismo do pós-modernismo. *Fides Reformata*. Vol. II, N° 1 (1997), p. 5-28.

²¹ *Ibid.*, p. 333.

fim da Segunda Guerra Mundial, de quatro séculos de colonialismo “cristão” ocidental, quando a fé cristã foi identificada com exploração e perseguição dos mais fortes sobre os mais fracos.²²

Indo mais além, analisando o livro *O Mito da Unicidade Cristã*, Stott avalia os argumentos dos autores que defendem ali o pluralismo, apontando para as três “pontes” que os levaram a abandonar a unicidade cristã e optar pela pluralidade. A primeira é a “ponte *histórico-cultural* ou *relatividade*”, pois, desde que a teoria da relatividade de Einstein extrapolou a física para outras esferas, o conceito de absoluto praticamente desapareceu.²³ A segunda, conseqüência lógica da primeira, é a “ponte *místico-teológica* ou *mistério*”, pois é de todo impossível absolutizar a experiência religiosa e estabelecer uma doutrina de algo que está para além do nosso alcance – “nossas teologias são apenas imagens conceituais de Deus”. A terceira é a “ponte *ético-prática* ou *justiça*”, pois a injustiça que há no mundo precisa ser debelada em todas as suas formas e isso é um objetivo grande demais para uma só religião, exigindo um diálogo inter-religioso onde não exista exclusivismo algum.

Tomando conhecimento dos argumentos a favor do pluralismo, podemos então, contrastá-los com as reivindicações do Senhor Jesus Cristo de que ele, e somente ele, é “o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim” (Jo 14.6).

Jesus Cristo diz ao ser humano, de maneira direta e clara, que não há qualquer outra possibilidade de se aproximar do Deus-Pai a não ser por meio dele mesmo. Enquanto o pluralismo deixa de lado a concepção de uma verdade única e absoluta, relegando a cada pessoa o direito de estabelecer a sua própria verdade, e conseqüentemente seus valores de vida, Jesus chama a si o ônus de ser o princípio e o fim da existência de todo o universo e de cada pessoa.

O Mestre Jesus fez essa afirmação de maneira freqüente. Temos a sua afirmação contundente registrada assim no evangelho:

Disse, pois, Jesus aos judeus que haviam crido nele: Se vós permanecerdes na minha palavra, sois verdadeiramente meus discípulos; e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará (Jo 8.31,32).

É claro que Jesus não faz concessão alguma na afirmação da sua exclusividade como único e verdadeiro libertador do homem.

²² Ibid., p. 334, 335.

²³ O historiador Paul Johnson, em *Modern times: the world from the twenties to the nineties* (New York: HarperPerennial, 1992), descreve como a teoria intitulada “Princípio da Relatividade”, comprovada por experimentos científicos entre os anos 1919 e 1923 tornou-se, para profundo descontentamento do seu autor, o físico Albert Einstein, o “conceito de relativismo” quando outros intelectuais se apropriaram do termo, extrapolando-o da sua conotação original, na qual afirmava que não há absolutos no que tange ao movimento da matéria e da energia, e aplicando-o a outras áreas do conhecimento e da vida humana.

Lemos nos evangelhos os seus muitos ditos que iniciavam com a expressão “Em verdade vos digo...”, predominantemente nos sinópticos, e “Em verdade, em verdade vos digo...”, no Evangelho de João. Essa era a sua maneira de afirmar a sua palavra como sendo mais que uma proposta, dentre muitas outras, que poderia ser ou não levada em consideração. Dessa forma ele corroborava o ensino profético que o antecedeu e o expandia ainda mais, trazendo novas revelações da parte de Deus. Ouvir e atender às palavras do Senhor Jesus são atitudes complementares que implicam numa rejeição lógica de outras propostas que lhe sejam contrárias.

As afirmações apostólicas colocaram grande peso na exclusividade de Cristo. Isto é, igualmente, de muita importância, pois os apóstolos, falando em nome do Senhor que os enviou, enfrentaram grande oposição tanto dos judeus quanto do paganismo dos seus dias. O apóstolo Paulo fundamenta a sua vida e o seu ministério na exclusividade de Jesus Cristo, como fica evidente em textos como Filipenses 3.2-16, Gálatas 2.11-21 e 1 Coríntios 1.18–2.16, entre outros.

Tendo visto, ainda que sucintamente, a afirmação do Senhor Jesus Cristo ao homem dos seus dias e dos nossos, cabe-nos então repeti-la de maneira clara e contextualizada. Afirmamos, convictos em nosso testemunho cristão, o caráter único e incomparável do Senhor Jesus em contraste com as propostas filosóficas e religiosas que nos cercam.

Afirmar a supremacia do Senhor Jesus Cristo, contudo, não significa afirmar, da mesma maneira, a supremacia do cristianismo como proposta religiosa. É preciso reconhecer que no curso da história muitos erros foram cometidos em nome de Cristo pelos seus seguidores. Todavia, o Deus-Filho, “que se fez carne e habitou entre nós cheio de graça e de verdade” (Jo 1.14), é inigualável e insuperável no que disse, na maneira como viveu e, principalmente, na sua morte e ressurreição.

O consagrado missionário Stanley Jones conta a história de um hindu que abandonou a religião de seus pais a fim de se tornar um discípulo de Jesus Cristo e que veio a ser conhecido como Sadhu Sundar Sing. Certo dia, quando visitava uma escola hindu, ele foi interpelado por um agnóstico, professor de religião comparativa, que lhe perguntou o que tinha achado na fé cristã que não houvesse antes encontrado na fé dos seus pais. A resposta dele foi: “Eu encontrei Jesus Cristo”.²⁴ Jesus é, em todo lugar e tempo, o paradigma perfeito para a vida humana.

CONCLUSÕES

As oportunidades que temos hoje para testemunhar e proclamar o evangelho da salvação que o Senhor Jesus e seus apóstolos nos ensinaram são tão grandes quanto os desafios que os nossos dias apresentam.

²⁴ História narrada por John Stott em *Ouçã o Espírito, Ouçã o Mundo* (p. 341), citando JONES, Stanley. *The Christ of the Indian road*. Hodder & Stoughton, 1926.

No livro *Globalization* (Globalização), Malcolm Waters analisa de maneira ampla os fatores que fazem do nosso mundo, na presente era, uma “aldeia global”. Vivemos hoje, segundo Waters, num aparente caos onde as velhas convicções da modernidade ruíram, mas seus efeitos parecem ter sobrevivido e orientado a humanidade a uma nova ordem. O processo de globalização afeta as três áreas fundamentais da humanidade, ou seja, a economia, a política e a cultura.

Nesta nova ordem as próprias nações ou “Estados-nações” parecem que irão, gradativamente, contar menos que o incontrolável fluxo do mercado global. As próprias decisões políticas locais precisam levar em consideração os aspectos e os desdobramentos globais.

Empresas multinacionais não têm pátria certa. Têm local de origem, mas não pertencem mais a eles. São “globais”. Usamos novas expressões como “Mcdonaldização do mundo”, “Fordismo”, “Toyotismo”, dentre outras, numa clara percepção das influências estrangeiras que recebemos. “As economias nacionais têm-se tornado crescentemente interdependentes”.²⁵

Na área da comunicação e da mídia percebemos a realidade da globalização de maneira substantiva. O jornalista Clóvis Rossi registra:

A notícia do assassinato do presidente norte-americano Abraham Lincoln, em 1865, levou 13 dias para cruzar o Atlântico e chegar à Europa. A queda da Bolsa de Valores de Hong Kong (outubro-novembro de 1997), levou 13 segundos para cair como um raio sobre São Paulo e Tóquio, Nova York e Tel Aviv, Buenos Aires e Frankfurt. Eis ao vivo e em cores, a globalização.²⁶

Jesus exortou os seus discípulos a servirem fielmente um só Senhor, pois sabia que não seria possível servir a dois. Ele disse: “...não podeis servir a Deus e às riquezas” (Mt 6.24). A exortação do Senhor permanece ainda válida, principalmente quando os valores materiais do nosso mundo continuam a cativar os pensamentos e o coração do homem.

A globalização, por si mesma, não tem ajudado a diminuir o fosso que separa os ricos dos pobres. A constatação dos sociólogos indica que em todo lugar que a riqueza é idolatrada, a pobreza aumenta. Alguém tem que pagar a conta.

Todos os dias surgem novas “ONGs” (Organizações Não-Governamentais) se propondo a consertar parte do caos.

Em todo o mundo há um enorme clamor contra a idealização e idolatria do poder e do dinheiro. As pessoas estão a cada dia mais conscientes da fra-

²⁵ IANNI, Octávio. *Teorias da globalização*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 43.

²⁶ Clóvis Rossi, do Conselho Editorial do jornal *Folha de São Paulo*.

gilidade do nosso explorado planeta e, conseqüentemente, mais iradas com os maiores exploradores. Contudo, isto parece ter a sua conexão direta com a máxima: “O cliente sempre tem razão!”. O consumidor precisa ser agradado. Ele é o soberano do mercado. Sem ele não há negócio.

Vivemos numa sociedade de consumo. A política, a economia, a cultura e, infelizmente, cada vez mais, também as religiões, incluindo o cristianismo, tendem a se curvar aos ditames do mercado. Agradar o cliente.

Vivemos num mundo onde a tecnologia ganha mais espaço e o ser humano tende a perder o seu lugar para a máquina. O grande agente da vida, como apregoava o Iluminismo, o homem racional, “a coisa pensante – *res cogitans*”, como definiu René Descartes (1596-1650)²⁷, se vê ameaçado pelo alto teor de impessoalidade da “maquinização” do mundo. O sociólogo Octavio Ianni diz:

A máquina expeliu o maquinista... Aí está uma conotação surpreendente da modernidade, na época da globalização: o declínio do indivíduo... A mesma fábrica da sociedade global, em que se insere e que ajuda a criar e recriar, torna-se o cenário em que desaparece.²⁸

Podemos, em boa medida, atribuir esse “declínio do indivíduo”, conforme descrito acima pelo eminente sociólogo, não apenas à “maquinização” do mundo, mas também à individualização do pensamento religioso que caracteriza o pluralismo dos nossos dias. Dias nos quais, conforme já dissemos, cada um vive segundo a “sua verdade”.

É possível constatar que o ser humano toma consciência de que está em sérios apuros, e que da forma que a humanidade caminha por si mesma, o futuro não será nada alvissareiro.

A consciência étnica, o nacionalismo e várias formas de fundamentalismo são valores aos quais se dá grande importância em nossos dias justamente porque se percebe que a cada dia somos mais “cosmopolitanos”, ou seja, cidadãos do mundo. Assim, a “globalização” acaba por fomentar a “localização”.

Esse complexo quadro da humanidade atual, ao mesmo tempo em que desafia, oferece oportunidades de testemunho para o discípulo de Cristo. O desespero e o vazio da alma humana permanecem os mesmos de dois mil anos atrás, quando o Salvador do mundo proclamou a boa nova da salvação eterna que Deus oferece gratuitamente por meio do seu Filho.

Pessoas precisam de pessoas. Isto é realidade, pois somos a imagem e semelhança de um Deus pessoal que subsiste na comunhão eterna entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo. O discípulo de Cristo oferece a sua própria vida

²⁷ GONZÁLEZ, Justo L. *Uma história do pensamento cristão*. Vol. 3. São Paulo: Cultura Cristã, 2004, p. 326-329.

²⁸ IANNI, *Teorias da globalização*, p. 20-21.

na “pessoalização” da mensagem do evangelho. Ele vive para testemunhar e testemunha com a sua vida.

É justamente no meio da diversidade cultural e da uniformização pluralista do globalismo que o cristão anuncia que “Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3.16). Assim ele o faz, como fizeram outros discípulos antes dele, com toda confiança, pois conhece e experimenta a realidade das palavras do seu Mestre, que lhe diz:

Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra. Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século (Mt 28. 18-20).

O mundo é teu Senhor. Jamais me esquecerei
Que embora existam erro e mal, tu és o eterno Rei.
O mundo é teu Senhor, pois Cristo já venceu;
Inimizades destruiu, unindo terra e céu.²⁹

Soli Deo Gloria.

ABSTRACT

The challenge that the pastor faces today as he leads God’s flock entrusted to his care requires not only a firm knowledge of the Scriptures, a godly life, and conviction regarding his ministerial vocation, fundamental as these characteristics are, but it is also necessary for him to understand as much as possible the world in which Christians live. In this article the author addresses some key questions connected to the globalized world we are living in. The intention is to understand the challenges as well as the opportunities that globalization offers to Christian life and Christian witness. The article begins by reflecting on a definition of the term “globalization” and goes on to provide a historical perspective of this phenomenon. Then it advances some suggestions on ways to contextualize the Christian witness in a world that is increasingly global, and focuses on a forceful affirmation of what Christ says to the globalized individual. It concludes by encouraging Christ’s disciples to engage seriously in the mission of witnessing the gospel as they face the challenges of our day in trust and obedience to God’s faithful Word.

KEYWORDS

Globalization; Witness; Pastoral ministry; Pluralism; Post-modernity; Jesus Christ.

²⁹ Terceira estrofe do hino “O Mundo é teu Senhor”, de autoria de Maltbie Davenport Babcock (1901), traduzido por João Wilson Faustini (1960) e encontrado no *Hinário para o culto cristão*, hino 45.